

APOLÔNIO – Pra ficar no porto.

MARCELO – Você está falando da maré?

APOLÔNIO – Não está vendo as pedras lá no fundo do rio? A maré lá muito baixa, está láinho no finalzinho da tarde. (Levanta-se e se aproxima de Marcelo) – Tô vendo aquela faixa escura lá no pilar, aquela marca de musgo no concreto? Depois de umas duas horas a correnteza vai estar batendo lá, daí vai ser bem melhor pra você.

Marcelo permanece calado, com os olhos fixos no pilar que Apolônio lhe indicou.

APOLÔNIO – Você tá pensando em esperar? Aqui em cima apavora de tudo, viu. Tem quem espere, tem quem diz que volta depois. (Olha para o rio, a dia baixo) – Se bem que... quem diz que volta depois nunca mais dá as caras. Teve um cara, um pouco mais velho que você eu acho, que uma vez jurou que ia voltar dali a uma semana. Ele prometeu que era o tempo de escrever um bilhete e voltar. Na hora, eu pensei aqui consigo: se o cara for parar para escrever bilhete, desiste. Aquela lá nunca mais voltou. Você já pensou se toda aquela que chegasse no topo de uma montanha-russa se arrependeria e pedisse pra descer? Não pede. É muita subversão. A gente precisa seguir algumas regras. (Para Marcelo) – Se eu fosse você, eu esperava. Já chegou lá aqui mesmo.

Marcelo continua calado, olhando o olhar entre Apolônio e o rio.

APOLÔNIO – Escuta, você não subia até aqui só pra olhar a paisagem, não? Se ainda desse pra ver alguma coisa bonita daqui, eu até entenderia... Eu sempre achei que eles deviam ter feito esta ponte mais lá pra frente. Assim a gente podia enxergar o mar, pelo menos...

MARCELO – (Sil, eu...

APOLÔNIO – Querido! Presta atenção. (Aproxima-se de Marcelo e coloca os dedos perto de sua boca, impedindo-o de falar) – Tá ouvindo as garças? São elas que me lembram que tem um mar lá adiante. (Pausa) - No começo eu sentia falta de uma vista mais bonita, sabe? Ilhas, com o tempo, fui me acostumando. Hoje eu nem sou mais bom para o barulho das caminhadas que circulam aí em cima, pare os pneus que lá vezes passam batendo no rio. A única coisa que me irrita aqui é ter de mudar de lugar a toda hora... A ponte vive me empurrando...

MARCELO – Quer?

APOLÔNIO (apontando para cima) – Já reparou naquela rachadura? Toda vez que chove, ela aumenta um pouquinho. E as gotinhas vão me empurrando cada vez mais para trás. Parece que a cada chuva a ponte me diz: chega pra lá.

Downloaded from www.jstor.org on **Mon, 10 Jun 2016 12:00:00 UTC**

© 2000 by John Wiley & Sons, Inc.

WASCO-1 (www.wasco.com)

APOLÔNIO (olhando desconfiado para Meneleu) – Você não parece ser do tipo que vai querer se apresentar lá embaixo. Tá vendo as pedras? Deixassemos nossas coisas ali lá. Deve fazer um buraco seco se a maré está baixa. Não, eu acho que é por isso que o buraco. Você não acha?

Elmundo está cambiando, pero cómo elegir uno de nosotros.

APOLÔNIO – Eu acho que o pior é ficar lá sozinho, esticado. Não sei, porque que o sujeito tá querendo se mostrar pra todo mundo. Ficar assim, exposto depois, pra quê? (Amaral) – Mas quando o mar tá sobe é diferente. Eu acho que fica mais elegante, tem mais classe. É assim como... como comê' fígado, entendeu?

MARCELO – Escute, tá bom, já ficar um pouco aqui em cima eu tenho de apertar este seu papo? Ah! agora, eu não sei do que você está falando, cara.

APOLÔNIO – Agora eu estou falando de comer fondue. Fica comê-lo? (Sem dúvida) – Você pega a torradinha e mergulha naquela mar de queijo derretido. A torradinha afunda no queijo imediatamente, sem fazer barulho. Éa desespereço quieto, fingido pelo queijo. Você já pensou quanto dignidade tem esse fondueira que mergulha e se afoga na mar de queijo? As outras, aquelas que caem no chão, na água, é que quer a gente far com elas? Despreza, chuta debaixo da mesa. Por isso que eu digo: é melhor esperar a maré subir.

Apresenta visita a um santuário no seu campo. Reflete o trabalho com a história

ANNOUNCED - No new loans are scheduled.

Maneja la carga con estos dispositivos para no estar todo el día con la mano.

APOLÓGIA – Nem adnánk meg az igazságot, csak azt, ami a legegyszerűbb, legkevésbé

MAFOSLO (reticente) – Voceli pretende ficar por aqui, até o final de tarde, quando a manhã ficar quente.

APD, Q&Q (de colagem baixa, enfeitado com as bijuterias) – Pode ser, (pequeno) – Não tenho nenhum compromisso sério... Ué, não. Que dia é hoje?

447210 - 00000000

APOLÔNIO (revisando uma agenda de bolso e folheando rapidamente) – Tãt, tãt. Não tenho nada marcado pra hoje, nenhuma. (Olhando provocativo para Marcelo) – Uma tarde inteira livre, à espera de algum acontecimento.

MARCELO – E quando a mãe estiver aí...

APOLÔNIO faz um sinal com a cabeça para que ele continue

MARCELO – Quer dizer, depois que a água chegar naquela porta, sei no mínimo, o que você vai fazer?

APOLÔNIO – Eu acho que não é o que EU vou fazer que interessa, não é?

MARCELO – Quando você vem pra cá, você fica pensando em...

APOLÔNIO (interrompendo-o) – Você não consegue simplesmente falar uma coisa sem perguntar? Vem cá, me empresta seu braço.

MARCELO – O quê?

APOLÔNIO – Mão dá seu braço. Amegaça um pouco a manga.

MARCELO – Dá um tempo, cara.

Apolônio levanta-se, segura o braço de Marcelo e coloca a pulseira que acabou de fazer em seu pulso. Afastando um pouco para ver o resultado.

APOLÔNIO – Não sei... o que você achou?

MARCELO (olhando para a pulseira) – Disto aqui? Sei lá... É legal... mas... não é mais pra mulher?

APOLÔNIO – É, eu acho que ficou um pouco feminina sim... se eu usar umas pedras maiores, ou de uma cor só... daí acho que pra homens ia ficar um pouco mais masculino... Você curtiu essa aí? Quer? Eu faço por vinte...

MARCELO (granda a pulseira) – Mão, até achei legal, mas não assim pra comprar. Eu não ia usar... eu não uso nada, pulseira, anel, essas coisas... Nem de relógio eu gosto. Toma ela aqui.

Apolônio pega a pulseira e coloca em seu próprio braço. Olha com curiosidade para o objeto.

APOLÔNIO – Agora não, mas pra quando chegar o verão, até que pode ser uma.

Apolônio retira a pulseira do braço e a guarda no bolso.

APOLÔNIO – De que signo você é? (Olhando para o relógio e olhando ao redor) 10

MARCELO (com voz baixa e irritada) – Vá se foder.

APOLÔNIO – Qual? (Ele volta para com a cabeça? Como é quando alguém olha para ele e ele não sabe o que falar, mas não sabe como responder?) 11

MARCELO – LÍBIA!

(Ele volta para com a cabeça, mas não sabe o que falar, mas não sabe como responder?) 12

APOLÔNIO – LÍBIA, LÍBIA... é quanto.

Aparenta a sacola e começa a rememorar seu interior. 13

APOLÔNIO – Quanto, quanto... Certo, não tenho nada de quanto aqui hoje. É libra mesmo, é? Então feche. Seu ascendente qual que é? 14

MARCELO (jogando para as coisas de APOLÔNIO) – Escuta, é isso que você vem fazer aqui em casa? Coisas, pusewenta. E aposta que à noite vai encher o saco de quem está nos quartos, pra ver se consegue vender alguma coisa, não é? E o que é pior, ainda cobra caro. Qualquer caralão decente não ia pedir mais do que cinco pilas por esta bugiganga aí que você me mostrou. E agora ainda vem com este papo besta de de signo. 15

APOLÔNIO (rídiculo) – Respiço estranho pra quem é de libra. Deve ter uma influência forte do ascendente aí. 16

MARCELO (já deitado) – Não sei qual é meu ascendente. (Outra pausa, e agora um som de frustração) – Minha mãe não temia direito da hora em que eu nasci. 17

Apolônio retira um walkman do meio de suas coisas e coloca as fitas no caveto. Observa Marcelo, que volta a se aproximar da janela para olhar o rio. Depois de alguns instantes, percebe que alguma coisa atrai a atenção de Marcelo. Retira as fitas do caveto e come a fita. 18

VÔZ EM OFF – Vá se hoje não caça aí no vão, hein, Apolônio.

MARCELO – Apolônio? (Olhando para cima, mas não sabe o que dizer) 19

APOLÔNIO (se aproximando da boca de Marcelo) – Cala a boca, idiota. Quer que eles descubram que você tá aqui, é? (Falando alto, em resposta à voz em off) – Eu já sei que não sou eu que caço aqui. 20

MARCELO (rídiculo) – Apolônio? Calco. Que tem de nome é este? 21

APOLÔNIO (suspirando) – Quietos, sacete. É a políax. É a hora que eles fazem a festa aí em casa. 22

VOZ EM OFF – Tá estranho hoje, Apolônio? Não tá cagando aí embaixo, né?

APOLÔNIO (impaciente) – Tô trabalhando.

MARCELO – O que que você tem com a polícia? Como é que eles sabem o seu nome? Você não sobe até aqui pra... pra fazer isso que eles fizeram, sobe?

APOLÔNIO – Eu não tenho nada com a polícia, cara. Mas se eles vêem você aqui, vão querer te levar. É daí daíou, né. Você vai ter que ir.

MARCELO – Por que a polícia tá querendo me levar daqui? Eu não estou fazendo nada demais.

APOLÔNIO – Não está fazendo nada agora, mas daqui a pouco vai pensar em fazer, não vai? E aí pra impedir isso que eles ficam passando aí em cima. Duas vezes por dia, desde que... (Cassando para cima) – Eles já foram.

MARCELO – Onde que o quê?

APOLÔNIO – Hã?

MARCELO – A polícia. Você disse que eles passam aqui duas vezes por dia desde que...

APOLÔNIO – Ah, sei lá, desde que eles foram a porta, eu acho.

Marcelo volta a se aproximar da muralha e lança um desmedido olhar para o rio.

MARCELO (reflexivo) – Você já viu alguém que tenha ido até a fim?

APOLÔNIO – Já.

MARCELO – Viu... é muito toda?

Apolônio dá de ombros.

MARCELO (insistente) – É muito toda, cara? Me diz aí como é que é, vai...

APOLÔNIO – A pessoa se afira e cai, tá. É simples assim. E depois afunda, às vezes se debate um pouco antes. E depois o rio leva para o mar, lá na foz. E depois de uns dias, aí sim é que é foz, o mar devolve. (Cassando) – Parece que lá aqui não tem saída, carão. Aí o mar cospe a gente pra fora de novo. Ajude a gente, vai parar desse jeito? Você nunca pensou nisso? Depois de uns dois ou três dias, nem o mar mais aguenta a gente... volta a gente na praia e larga lá. O rio, com aquela correnteza toda, e nem assim ele aceita ficar com um desgraçado qualquer...

MARCELO – Não é disso que eu estou falando. Eu quero saber como é que é na hora, se eles fazem alguma coisa, se choram, dão um grito, olham pra céu, mandam tudo à merda, sei lá.

APOLÔNIO – Eu só vi uma vez, caralho.

MARCELO – Hãvem eu mulher?

APOLÔNIO – Mulher.

MARCELO – Como é que ela era?

APOLÔNIO – Normal.

MARCELO – Como assim, normal?

APOLÔNIO – Normal, caralhos. Normal, como toda mulher, com peito, bunda, cabelo...

MARCELO – A cara dela, como é que era... como é que estava a cara dela?

APOLÔNIO – Você acha que eu vou lembrar da cara de todo mundo que já veio até aqui em cima? Eu só lembro bem da cara daquela bundão que ficou me enrolando com a história do tálamo.

MARCELO – Ela parecia muito triste?

APOLÔNIO (silêncio) – Não, ela veio, ligou o som, enfiou um champanhê, começou a dançar aí na varanda, tomou um ácido, perguntou se eu não tava a fim de dar uma última tregada e daí pulou gargalhando...

Marcelo fica em silêncio.

MARCELO – É o que que você fez?

APOLÔNIO – O que que eu podia fazer?

MARCELO – Você deixou a mulher se jogar? Não comeu pra segurar ela?

APOLÔNIO – Eu não.

MARCELO – Mas por que não? Não era só ligar um minuto essas porcarias que você faz e segurar a mulher?

Silêncio.

MARCELO – Por que não, cara?

APOLÔNIO (interspectivo) – Porque eu fiquei aqui olhando pro jeito dela.

MARCELO – Que jeito?

APOLÔNIO – Dequele jeito, é difícil de explicar, mas ela tinha um jeito de quem não queria ser salva. Acho que aquele era o último desejo dela, que ninguém separasse ela daí.

MARCELO (plebeizado) – Então você não fez nada...

APOLÔNIO – Eu já disse. Tava escrito na cara dela que ela não queria ajuda.

MARCELO – Como é que você pode ter certeza disso, cara? Sabe qual é a única certeza que você pode ter, sabe? A de que você não fez nada por ela, isso sim.

APOLÔNIO (sem voz baixa) – Eu fiz um poema...

MARCELO – O quê?

APOLÔNIO – Um poema, nunca souvi falar? Uma poesia, versos, saca? Métrica, rima... Eu fiz um poema para ela, entende o que é isso?

MARCELO – A mulher se afogando e você fazendo um poema?

APOLÔNIO – Não foi na hora que eu fiz, foi depois. É o melhor poema que eu já escrevi na vida. (Pausa) – Eu sempre achei que tudo tem um preço. Vá ver que o preço do meu poema foi ter visto aquela mulher se jogando ali, na mesma frente. Paciência. Ela já tinha se jogado mesmo, nem sei se alguém se sentiu falta da colada. Pelo menos, a morte dela rendeu um poema.

MARCELO – Foi depois dessa dia que a polícia começou a fazer tanto barulho aqui, não foi?

Apolônio apenas consente com a cabeça.

MARCELO (lendo um pouco pela porta, confuso) – Você lembra do que aconteceu?

Apolônio vai até uma sacola que está no chão e, do meio de vários cadernos, escolhe um, do tipo *Outliers*.

MARCELO – Lá, é o melhor poema da sua vida e você não sabe de quê?

APOLÔNIO – Sei, mas eu acho que lendo fica mais formal.

Apolônio põe o caderno na mesa e lê.

“No tempo de colheita, aprende; na colheita, ensina; no inverno, destrói.”

Conduz teu carro e teu arado sobre a ossada dos mortos.
Aquilo que cresce e não age engendra a peste.

O verme perfura o arado que o corta.
Imerge no rio aquilo que a água ama.

O rio não vê a mesma árvore que o salite vê.
A labradora abelha não sobe tempo para as dríades.
As frezes de insetos, mede-as o relógio; as de sabedoria, porém, não há relógio que as meça”.

Apothé fecha o caderno e volta a colocá-lo no meio de suas coisas. Marcelo encosta o corpo na parede e olha para o rio.

MARCELO – Soltou mais um pouco.

APOLÔNIO (enquanto coloca suas coisas na sacola) – Hoje tá indo bem depressa, acho que mais uma hora e pouco...

Marcelo olha para o chão e encontra uma pedra. Ele a joga no rio e acompanha com os olhos a duração da queda. Depois do, sem encerrar Apothé:

MARCELO – Você não devia gostar deste poema. Custou muito caro. Acho que ele é mais dela do que seu, se você quer saber. (Pausa) Tem nome?

APOLÔNIO – O poema? Não, nem pensei nisso.

MARCELO – Você devia ter perguntado o nome dela pelo menos. Pra batizar o poema... já que não fez nada pra salvar a colhada mesmo...

APOLÔNIO – Pode ser... Mas sem seu tempo. Ela chegou, afiou o rio e saiu. Foi tudo muito rápido. (Mônica) – Ela não ficou aí enrolando...

Marcelo faz que não registra.

Apothé começa a guardar suas coisas na sacola. Está de costas, de novo indiferente à presença de Marcelo.

MARCELO – O que você tá fazendo?

APOLÔNIO – As coisas não entram sozinhas na sacola...

MARCELO – Pensei que você fosse ficar por aqui até a maré subir.

APOLÔNIO – Eu já vi a maré subir ontem, anteontem, semana passada, como ver amanhã de novo. Não vou perder nada se for embora agora. (Clisco) – Ou

será que vou? (Pausa) – Eu ganho alguma coisa se ficar? Vou ver algum gesto que vale a pena?

Marcelo permanece em silêncio. Olta de novo para o rio.

MARCELO – Ainda não tá no ponto...

APOLÔNIO (já invadindo seu grande saco às costas) – Se você vai ficar por aqui, é melhor não fazer barulho. Depois a poeira a poluiça apontar pra outra direção. E se eles te encontram aqui, te levam embora na hora. E é bem capaz ainda de você tomar uns casucos na cabeça, isso sim.

Apolônio começa a descer a ponte, enquanto Marcelo o observa calado. Passam-se alguns instantes e Apolônio volta.

APOLÔNIO – Esqueci de perguntar uma coisa.

MARCELO – O que foi?

APOLÔNIO – De qual profeta você gosta mais?

MARCELO – O quê?

APOLÔNIO – Os profetas... Isaias, Jeremias, Ezequiel, Lucas...de qual deles você gosta mais?

MARCELO – Tava demonstrando pra vir com papo de boato, né? Sei lá, não conheço nenhum deles. Se é algum jogo, eu tô fora.

APOLÔNIO – É bem melhor que jogo. (Corta o saco no cado e retira um livro do dentro dele) – Eu vou ajudar você a escolher. Eu vou falar três parágrafos, e depois você escolhe uma, tá bom assim?

MARCELO – Mas que limitação é essa? Cala, eu não vim aqui pra ficar, sou?

APOLÔNIO – Vamos lá, tá pronto? (Apolônio abre o livro e começa a ler) –

A primeira: "Deus promete também eliminar as coisas que causam infelicidade: a morte, o prenho e a dor. Por ser Todo-Poderoso, Deus pode fazer isso".

A número dois: "O deserto se alegrará, e crescerão flores nas terras secas, choro de flores, o deserto cantará de alegria".

Agora a última, hein, presta atenção: "Com laços de amor e de carinho eu os trouxe para perto de mim, eu os segurei nos braços como quem pega uma criança no colo. Eu me inclinei e lhes dei de comer".

Apolônio termina de ler e olta curioso para Marcelo, à espera de uma resposta.

APOLÔNIO – E então? *(olhando para ele)*

MARCELO – Não sei, eu...

APOLÔNIO – É só escolher uma, não erra. Da qual você gosta mais?

MARCELO – Da primeira que você falou...aquela que Deus promete acabar com o pecado, a dor...

APOLÔNIO – Hum, nada mau, hein. É a minha favorita também.

Apolônio pega então uma página do livro e a rasga em várias tiras finas.

MARCELO – Que que é isso agora?

Apolônio coloca o livro no chão e sobre uma das tiras finas descepa um pouco de erva e começa a enrolar. Marcelo vai até o livro.

MARCELO – A Bíblia, você é louco, cara?

APOLÔNIO – Deixa esta aí, eu tenho outras.

MARCELO – Mas você está rasgando a Bíblia...

APOLÔNIO – Como é que eu a enrolar isso aqui se não rasgasse? Toma, dá uma tragada.

MARCELO – Cara, quem precisa tomar cuidado com a polícia é você, não eu. Se eles te pegem fumando maconha aqui, você tá fadado.

APOLÔNIO – Eles fazem tanto barulho quando estão chegando que dá tempo de esconder legal. *(Pausa)* – Relaxa, cara.

Marcelo fica imóvel.

APOLÔNIO – Deixa de ser bataca, fuma aqui. *(Apolônio dá uma tragada e diz com a boca cheia cheia de fumaça)* – É o melhor jeito de lidar com a Bíblia, cara, eu tô falando. Se não fosse pra fumar, porque que iam fazer essas páginas assim fininhas?

Marcelo acende o baseado e os dois fumam quietos por alguns momentos.

MARCELO *(examinando o baseado atentamente)* – Eu nunca consegui enrolar assim bonito. Que beleza...

APOLÔNIO – Alguma coisa a gente precisa aprender a fazer bem na vida.

MARCELO – Tô ouvindo as gaiolas agora... (Ouve. Ouve. Ouvindo. Ouvindo. Ouvindo. Ouvindo.)

Apolônio é e dá outra fogueira.

APOLÔNIO – Parabéns, cara.

MARCELO – Por quê?

APOLÔNIO – Sabe o que você tá fumando?

MARCELO – Não.

APOLÔNIO – Ô Apocalipse, versículo 21.

Marcelo se engasga com a fumaça, mas depois não consegue conter o riso. Os dois se recostam nos pilares da ponte e em alguns minutos estarão cochilando. As luzes se apagam.

CENA 2

Luzes não se acendem. Marcelo é o primeiro a acordar. Levanta-se sem fazer ruído e vai observar o rio. Volta e senta-se em silêncio ao lado de Apolônio, que continua dormindo. Cautelosamente, Marcelo abre o saco com as coisas de Apolônio e começa a examiná-las. Deitam-se por alguns momentos em um determinado lado. Ao perceber que Apolônio está acordando, guarda rapidamente os objetos. Finge que também estava dormindo. Apolônio levanta-se com calma e caminha até a muralha. Lança um demorado olhar para o rio.

APOLÔNIO (para si mesmo) – Quase na ponte...

Marcelo levanta-se e caminha até onde está Apolônio.

MARCELO – Está subindo mais rápido do que você falou. Nem duas horas...

APOLÔNIO – Às vezes até a maré me engana... (Apoia-se na muralha e olta ao longe) – Naquela tarde, depois que a mulher se jogou, eu fiquei aqui na ponte um tempão. Quando eu percebi, já tinha amanhecido. Eu achava que já tinha visto coisa demais pra um dia só, mas daí apareceu a lua. Não é que a mulher tinha dado sorte, cara? Ela se matou no primeiro dia da lua cheia. A lua começou a nascer ali na frente... (Aponta) – Conforme ela ia subindo no céu, a claridade ia espalhando uma mancha dourada no rio. Você já viu aquelas manchas de óleo que vão avançando na água, encobrindo tudo. Era igualzinho, só que parecia um desmanchamento de suor. Aquela mancha dourada ia vindo cada vez mais pra perto da ponte... Quando aquele brilho todo chegou aqui embaixo, bem onde a mulher tinha caído, eu fui embora correndo. (Pausa) – Às vezes, a gente não sabe o que

vai aparecer quando a luz começa a bater, não é? Eu sempre achei que o escurinho é mais seguro.

Apolônio volta a se sentir ao lado de suas coisas.

APOLÔNIO – Acredita que nunca ninguém subiu aqui para perguntar daquela mulher?

MARCELO – Nem a polícia?

APOLÔNIO – Ninguém. Não dá a impressão de que nada do que ela fez na vida valeu a pena. Eu fiquei aqui na dia seguinte, no outro, no outro também... e nunca ninguém veio saber dela. É como se ela tivesse tido tudo à sua, você entende? Ou como se ela tivesse vivido à toa, o que é pior.

MARCELO – Apolônio...

APOLÔNIO – Não, não, não, não, não?

MARCELO – Por que você disse que era seu?

APOLÔNIO – O quê?

MARCELO – Aquela poesia que você leu, eu vi...

Apolônio começa a se esaltar

APOLÔNIO – Vi-a-qual?

MARCELO – Eu meei na sua sacola. Desculpa, eu só queria...

APOLÔNIO – Quería o quê, caralho, queria o quê?

MARCELO – Quería ler um outro, só isso. Aquilo lá que você leu, aquela poesia, não sei... Eu nunca gostei muito de poesia, sabe? Mas achei aquilo triste pra caramba. Mais triste do que eu ando nesses dias, te juro. Até aquela hora, eu não te dava nada, cara. Mas nem você era só um metido desocupado que vinha aqui em cima fazer estas pulsoinhas... Depois que você leu a poesia eu me lembrei que você também devia andar fodidão, pra escrever aquilo... Eu fui mexer nas suas coisas não foi pra saber, cara... Eu só queria ler mais um.

APOLÔNIO – Quem deu ordem pra você olhar minhas coisas, seu puta?

MARCELO – Eu já pedi desculpas. Não precisa ficar assim. Eu não vou mexer mais em nada. (Flasca) – Aquela cara que escreveu a poesia, William Blake, né? Eu vi o nome dele na capa. Um livrinho amarelo, com a capa bem surrada.

APOLÔNIO – Vá à merda, cara, eu devia ter falado pra você pegar naquela festa que você chegou aqui, seu farsa. Deixa ela ter deixado você se ambientar lá nas pedras.

Marcelo fica calado por alguns segundos.

MARCELO – Apolônio?

APOLÔNIO – Me deixa quieto, cacete. Dá o fora daqui, vai.

MARCELO – Apolônio, você me empresta aquele livro, quer dizer, se ele for seu mesmo... Eu tiro e devolvo logo.

Apolônio volta sobre Marcelo e o segue pelo piscoço, ameaçando pigri-zi no rio. Marcelo se desespera.

MARCELO – Que é isso, cara, ficou maluco?

APOLÔNIO – Some daqui, tá ouvindo? O rio já tá cheio, tá vendo? Basta um empunhaço e a gente acaba com isso num instante. Eu já vi uma cidade se afundar aí, preso aguentar ver aquilo.

Apolônio continua a apertar o piscoço de Marcelo, mantendo-o colado à morte. Toca um celular.

APOLÔNIO – O que é isso?

MARCELO (quase sussurrando) – Telefone...

APOLÔNIO – Aonde tá essa porra?

MARCELO – Na mochila...

Com a mão esquerda Apolônio puxa a mochila das costas de Marcelo, enquanto a direita continua apertando seu piscoço. Vasculha a mochila e não encontra o celular. Desapega todo o seu conteúdo no chão, e vários objetos de jornal caem de seu interior. Encontra e atira o celular.

APOLÔNIO – Ah? Não, não é ele. (Para Marcelo) – Seu nome é Marcelo?

Marcelo faz que sim com a cabeça

APOLÔNIO – É, ele tá aqui, sim, mas não tá podendo falar agora. Tá ocupado. Quem quer falar com ele? (Para Marcelo) – É a sua mãe. (Ao telefone) – Não, tá tudo bem, ele só não tá podendo falar. (ouve) – É, eu sou amigo dele, por enquanto (ouve) Não, nada. A senhora quer deixar recado? (ouve) – Perguntar o

quê? O quê? Não, eu não acredito que é pra perguntar isso pra ela, a senhora tá brincando comigo... Olha, então fala a senhora mesma com ela...

Apelônia entrega o celular a Marcelo e o deixa. Marcelo se recompõe um pouco antes de fazer ao telefone:

MARCELO – Oi, mãe. Não, tá tudo bem. (Vê que Apelônia começou a ler os recortes) – Devolve isso, cara. (Continua) – Não mexe aí (...). Não, mãe, não é com a senhora. É que... (Tampa o celular com a mão e diz para Apelônia) – Devolve isso aí, cara. Não mexe nessas coisas. (Para a mãe, no celular) – Pronto, sh, sei. (Corta) – Ah, mãe, qualquer coisa... (Inteira) – Qualquer coisa, mãe, depois a gente vê isso. Depois a gente se fala, tá? Tá bom, tchau.

Coloca o celular no bolso e avança sobre Apelônia.

MARCELO – Me dá essas coisas, cara.

APOLÔNIO – Parado aí, senão eu pago tudo na rio.

MARCELO – Não, cara, devolve aqui, por favor.

APOLÔNIO – Na hora de ir fazer nas minhas coisas, tudo bem, né?

MARCELO – Eu já pedi desculpas, cara. Isso aí é tudo coisa pessoal, não interessa pra ninguém.

APOLÔNIO – O que tinha na minha mochila também era coisa pessoal, e você foi lá conferir.

MARCELO – Mas isso aí é diferente. Tudo isso é meu mesmo, eu não fico usando isso para enganar as pessoas. Me dá aqui.

Apelônia olheira os recortes.

APOLÔNIO – Você estava a 160 ou 180 por hora? (Aponta para os recortes) – Esse aqui fala 180, esse outro, 160... qual que tá certo? Ou você nem lembra, hein? Olha só: estudante, 23 anos, embriagado, excesso de velocidade... nesses... que mãe!

MARCELO (implorando) – Devolve isso, caralho...

APOLÔNIO – Primeiro tacha?

MARCELO – Vai se foder!

Apelônia ameaça atirar os recortes no rio.

MARCELO (rapidamente) – Primeiro, cara, primeiro nacha. Agora devolve aqui. Nô joga essa fora, por favor.

APOLÔNIO – Começou mal.

MARCELO (agressivo) – O carro não era seu, era? Então você não tem nada a ver com isso. Agora me devolve aqui. (Pausa) – A polícia que disse que foi nacha, cara, mas não foi, não tinha outro carro na festa.

Apolônio continua segurando os recortes.

APOLÔNIO (sério) – Quem era esse cara da foto?

MARCELO (um pouco contrariado) – Um conhecido, eu nem sei direito, não é da sua conta. (Pausa) Por que você está fazendo isso, cara? Me dê isso aqui, vai.

Apolônio o encara, insistido; à espera de uma resposta. Como a resposta demora, Apolônio repete um dos recortes e o segura com a ponta dos dedos, ameaçando jogá-lo no rio.

APOLÔNIO – Vou começar jogando o merdinha no rio.

MARCELO (rápido) – Eu não estou mentindo, cara, até a hora do acidente ele era só um conhecido mesmo, talvez um pouco mais do que isso, quem sabe. Quer dizer, a gente tinha se encontrado numa festa naquela noite, ficou se apertando um pouquinho. Até que ele veio conversar comigo. Nô teve nada demais, entendeu? Você viu a uma festa, dança, beber, conhece alguém, dá um beijo depois. É assim que funciona, não é?

APOLÔNIO – As vezes.

MARCELO – Ele tinha ido com dois amigos, que acabaram indo embora mais cedo. Eu que falei pra ele dispensar os caras, que depois eu levava ele pra casa. A gente ficou até o fim da festa, sentado um ao lado do outro, sendo o DJ desmontar a cara, rindo daquele povo dançado que nem se aguentava em pé. Sabe quanto você acha que é só mais alguém que pitou numa festa, mas ao mesmo tempo desconfiar que também não é, ou que pode não ser? Você já teve esta sensação, não teve? Acho que todo mundo já teve. Acreditar que alguma coisa mais seria pode estar começando, alguma coisa de verdade.

Apolônio o observa calado, ainda segurando o recorte com as pontas dos dedos.

MARCELO – O sol já estava quase saindo quando a gente decidiu ir embora. Acho que a gente chegou na estrada umas sete da manhã, não sei direito. Eu sei que eu tinha bebido bastante, ele também. Mas a gente teve mais feliz do que cadoado, entendeu? Aquela alegria não era de álcool. A gente também percebeu isso, não percebe? (Pausa) – Se a gente pudesse voltar pra... pra consertar uma coisa

que durou só uma segundos... Pra apagar aquilo que levou só um instante, mas que vai perseguir a gente pelo resto da vida. Eu lembro que ele dançou o vitor do carro e depois sofreu o acidente. Esta foto que saiu aí no jornal, de cabeça raspada, é mais antiga, ele teve usando cabelo comprido. Eu me lembro dele tão radiante ali do meu lado, não é que ele fosse bonito, mas naquela hora, com o dia começando a amanhecer e ele fechando os olhos de sono, com a mão esquerda sobre a minha perna, acariciando de leve... não sei, ele era uma das imagens mais lindas que eu já tinha visto...

APOLÔNIO – Ôh, deixa pra lá, eu...

MARCELO (indiferente) – Eu aumentei e son e acelerai mais... fui acelerando mais e mais... Acto que foi a primeira vez que eu tive vontade de mostrar pra alguém que... que podia existir um pouco de aventura na minha vida, sabe? Depois eu não lembro de mais nada, só sei o que está aí, nestas recordes que você tá segurando...

Apolônio devolve as recordes para Marcelo, que as coloca cuidadosamente na mochila.

APOLÔNIO – Eu já não entendo por que você anda carregando tudo isso na bolsa, essas recordes que já estão começando a amanecer...

MARCELO – Pra não esquecer... Não pra não esquecer dele, não é isso. A gente ficou junto só umas três ou quatro horas, no máximo. Não tem muita coisa pra lembrar, assim...muita coisa especial, eu quero dizer. A gente ficou falando do filme, de música, essas coisas que a gente sempre fala quando tá conhecendo alguém. Fiquei um pouco também, pra mostrar que é mais interessante do que a gente realmente é... Mas ele me pediu na minha primeira mentira, ~~segunda~~ Começou a tocar um ritmo de Madrina na festa e daí ele disse que o show que ele mais queria ter visto no mundo era o dele, quando ele veio pra São Paulo. Daí eu falei que tinha visto, que foi do começo, que o Pacaembu estava lotado. Sabe o que ele falou? Que se o Pacaembu estava lotado, eu devia ter visto um jogo de futebol, isso sim, porque o show da Madrina tinha sido no Morumbi. Eu aí não tentei continuar com a mentira, falei que tinha confundido de estádio, mas ele começou a ri e falou que... que... daquela vez não tinha colado, mas que eu tinha dito a mais uma mentira bonita. Ele falou dessa jeito mesmo: *mentira bonita*. (Pausa) Eu carrego tudo isso na bolsa pra não esquecer do que não aconteceu, sabe? Do que poderia ter sido e não foi, entender? Sei lá. É tão estranho você ficar sabendo pelo jornal o sobrecoito, a idade, a tatuagem em que enfiava um cara que morreu do seu lado, não é? Todas essas coisas que a gente sabe de uma pessoa... eu fui saber depois, quando ele já tinha morrido, tendo aí no jornal... É tão engraçado porque tinha tanta coisa boa nele que não saiu no jornal... que ele dançava bem e com os olhos fechados, que ele não era católico, mas só seguia a linha de carrega com a mão esquerda, que ele passava perfume só na roupa, e nunca no corpo...Vai ver que essas coisas não interessam a ninguém, não é? Mas foi só isso que me

restou... A minha história com ele podia ter terminado naquela mesma noite, era bem provável que terminasse mesmo, sempre termina, não é? Mas a gente podia estar junto até hoje também, não podia? (Se podia ter sido mais um carinho pra uma noite só, mas também podia ter sido muito mais do que isso. Podia ter sido o fim, o fim que a vida reservou para ser o amor, o meu amor... que morreu ali na estrada... As vezes eu fico me perguntando: se eu tivesse todo tempo, que minha boneira eu teria contado pra ele? Eu acho que isto é muito mais doendo, você não acha? Viver e não ter uma resposta?

Apolônio não responde. Os dois permanecem calados, olhando para o rio.

MARCELO (apontando para o pilar) – Olha lá, Apolônio, o lugar acabou de chegar naquele ponto que você falou; tá vendo? A maré tá batendo no musgo.

Apolônio consente com a cabeça e depois começa a rir, um riso sutil, delicado.

MARCELO – O que foi?

APOLÔNIO – Aquela hora, no telefone, a sua mãe...

MARCELO – Que é que tem minha mãe?

APOLÔNIO – Sabe o que sua mãe pediu para eu te perguntar no telefone? Se você ia querer carne de panela ou panqueca pra janta.

Marcelo fecha os olhos e também deixa escapar um sorriso leve.

APOLÔNIO – Não é engraçado, não? A vida escolhe cada maneira de lembrar a gente que as coisas lá fora continuam... Quem ia imaginar isso? Panqueca ou carne de panela... Acho que esta vai ser a sua grande decisão do dia, meu caro...

MARCELO (sem olhar para Apolônio) – O que você faria no meu lugar?

APOLÔNIO – Depende... do que que é a panqueca?

MARCELO – Não sei...

APOLÔNIO – Assim foi a vida...

MARCELO – Depois do acidente, é só isso que a minha mãe conseguiu me perguntar: é que eu vou querer de comida. (Pausa) – Quando ela foi me buscar, no hospital, ela só me abraçou e disse: graças a Deus, é nunca mais voltou a falar do acidente, nunca mais.

Apolônio tira a pulseira do braço e se aproxima de Marcelo.

APOLÔNIO – Toma, é sua.

MARCELO – Eu não tenho 20 anos aqui, cara...

Apolônio acena negativamente com a cabeça e sorri.

APOLÔNIO – Naquela hora eu não tinha reparado, mas olha só, tá vendo? Ela é quase da cor dos seus olhos.

Apolônio observa Marcelo com carinho.

APOLÔNIO – Sabe que pedra é essa aí, da pulseira? É ónix... a pedra da sobrevivência. Pelo menos, é o que dizem...

Marcelo coloca a pulseira, dá um abraço desajeitado em Apolônio e começa a deixar a ponte. Quando Marcelo já se afastou alguns metros, Apolônio grita:

APOLÔNIO – Marcelo!

Marcelo olha para trás.

APOLÔNIO – É que... eu lembrei agora... amanhã vai ser noite de lua cheia de novo. Se você quiser voltar aqui na ponte, assim... pra ver como o rio vai ficando dourado... Você vai ver... eu te juro. É tão mais bonito do que tudo que você viu aqui até agora...

Marcelo acena com a mão e abandona a ponte. Apolônio permanece alguns segundos em silêncio e depois senta-se e abre a sacola. Pega dela outra pulseira de fio de cobre e espalha várias pedrinhas pelo chão. As luzes começam a se apagar enquanto ele sai, cuidadosamente, passando o fio pelas pedras que recolhe.

Fim

Trecho do poema 'Provérbios do Inferno', do escritor William Blake (1757-1807)

Abril de 2020

A Guitari Ilustrar Amor e Gêloco,
que não pôde suportar este trabalho ficar pronto.